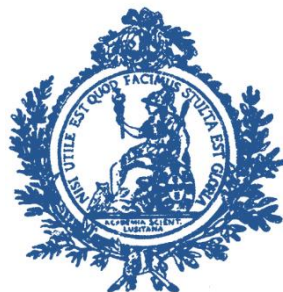


Raul Rosado Fernandes

**ALEXANDRE HERCULANO
O SOLITÁRIO, O EREMITA DA AJUDA
E DA QUINTA DE VALE DE LOBOS**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

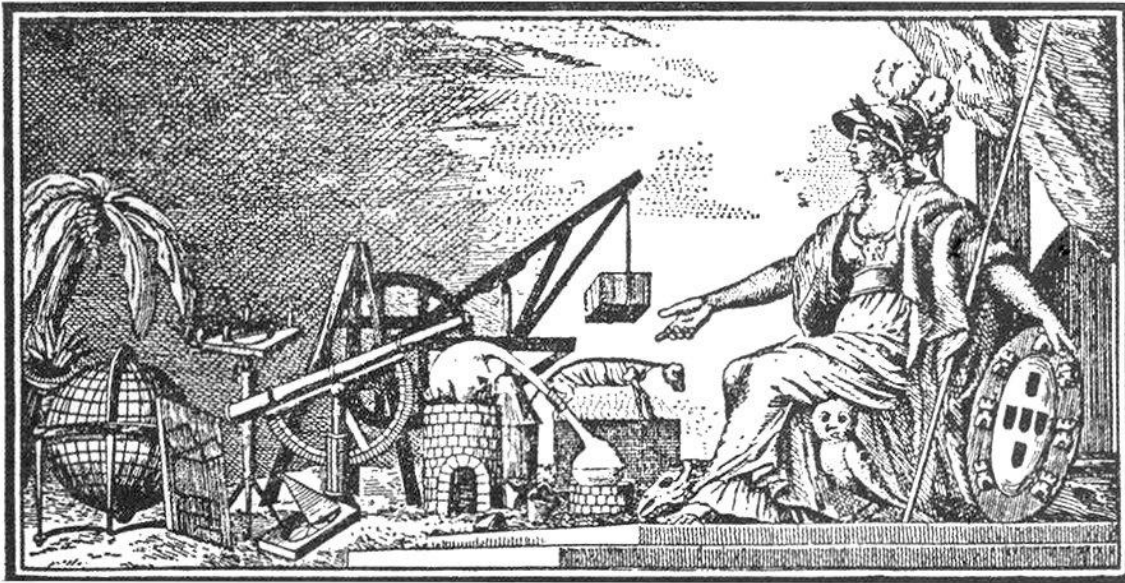
Raul Rosado Fernandes

ALEXANDRE HERCULANO
O SOLITÁRIO, O EREMITA DA AJUDA
E DA QUINTA DE VALE DE LOBOS



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS



ALEXANDRE HERCULANO
O SOLITÁRIO, O EREMITA DA AJUDA E DA QUINTA DE VALE DE
LOBOS

RAUL ROSADO FERNANDES

Não é uma junção habitual, esta do solitário eremita, que é académico, investigador, historiador e político, com a terra e as formas dela ser trabalhada, preparada, semeada ou plantada, para produzir as várias espécies de searas e frutos que se destinam a ser consumidos pela raça humana ou pelos animais que esta, durante séculos, domesticou. Tão-pouco é usual que esse académico se interesse, com entusiasmo saboreado, pelos últimos resultados da ciência agronómica, pelas minudências requeridas pela actividade agrícola em que fisicamente intervém e finalmente pelo conhecimento do mercado onde pode vender a produção que conseguiu obter, mediante o estar consciente da gestão dos recursos humanos e financeiros que ela lhe vai exigir. É este um misterioso *Eurico o Presbítero*, porque sempre foi ele que eu vi escondido no romance desse

nome, dotado de grande amor pela Natureza e por tudo o que é humano e digno.

A realidade é que Alexandre Herculano, vale como autor da História de Portugal dos primeiros séculos da nacionalidade e de inúmeros estudos ainda hoje válidos sobre as instituições e a religião do seu país, bem como editor de documentos medievais raros e de difícil consulta espalhados pelos nossos deficientes arquivos. Não tendo frequentado a obrigatória (não havia outra) Universidade de Coimbra, foi ensinado por padres da Congregação do Oratório, mas acabou por ter de passar, por decisão sua por cursos de arquivística e a paleografia e por academia que lhe deu uma visão prática de vida. Não é menos verdade que a terra onde nasceu e a época em que viveu, tinham sido assoladas pela invasão napoleónica e por guerra fratricida que o obrigou a ir para Inglaterra e depois, vindo da ilha Terceira, berço de Nemésio seu biógrafo, para o desembarque com os Liberais no Mindelo até ao cerco do Porto. Essa mesma pátria continuava a debater-se com um ultramontanismo de rígida visão quase teocrática do mundo, a que se aliava insegurança política permanente, que tinha como resultado natural a pobreza endémica e desequilíbrios sociais que se mantiveram até hoje. Não é pois fácil deixar de pensar que consegue, por desafio, por *contemptus mundi*, e numa espécie de desgosto pela realidade que o rodeava, defrontar-se, por gosto e certamente por misantropia corajosa, com uma arte tão difícil e arriscada como é a agrícola, para mais num país atlântico, mas de clima mediterrânico, com todas as suas vicissitudes e irregularidades.

A atestar esta sua actividade, chegaram até nós largas dezenas de cartas dirigidas a gente conhecida dos círculos mais importantes do poder da época oitocentista, e à sua roda de amigos, com os quais trocava impressões políticas, literárias, e agrícolas, às quais acrescentava outras que até implicavam a sua vida pessoal.

Nascido em Lisboa em 1810, filho de um culto funcionário público que muito contribuiu para a sua educação, é o bicentenário do seu nascimento que comemoramos. Novo ainda, sem que tivesse herdado terra alguma, entregou-se, logo que teve corpo e idade, à actividade agrícola, que teve de praticar em Lisboa, numa horta perto da casa onde nasceu, no Pátio do Gil, junto à rua de S.Bento e perto da actual Rua da Imprensa Nacional, que vai desembocar no Colégio dos Nobres pombalino, no alto da Cotovia, hoje Rua da Escola Politécnica, com uma fisionomia bem diferente da do seu tempo. É que Lisboa do século XIX estava inçada de hortas, hoje quase todas desaparecidas, o que pessoalmente me foi dado ainda ver, nascido que fui no Alto do Pina, agora abrangido pela zona do Areeiro, quando em menino ia visitar a vacaria do Senhor Vitorino não muito longe da casa onde vivi. É visão bem nítida e saborosa de quem conheceu Lisboa antes de ser invadida pelo tsunami do betão, como por exemplo, mas exemplo moderado, o da *Quinta do Alperce*, nas traseiras da nossa casa na Barão de Sabrosa, que Duarte Pacheco expropriou por tuta e meia. Herculano, muitas décadas antes, faz a sua iniciação agrícola na horta do Pombal próxima da casa onde nasceu e depois noutra, nas imediações da Calçada do Galvão, na Horta do Galvão, na zona da Ajuda, em cujo palácio dirigia o arquivo. Chega a confessar que tem mais orgulho na manteiga que consegue fazer do que em ser escritor.

Teve a memória da sua vida e obra a sorte de ter caído nas mãos, entre outras, de Vitorino Nemésio, que se doutora com uma volumosa tese sobre *A Mocidade de Herculano*, de informação segura e de estilo dificilmente ultrapassável, e de António José Saraiva, cuja larga visão do mundo, da vida e da política, recheou o seu livro *Herculano e o Liberalismo em Portugal*. A grandeza de Herculano só era de facto compatível com a estatura mental e científica destes dois gigantes das nossas letras, que, na Faculdade de Letras de Lisboa, foram mestres de todos nós e meus Amigos.

É difícil e arriscado tentar desvendar a necessidade de reclusão não passiva, fisicamente e mentalmente activa, que motivou um pensador como Herculano, que se preocupava há muito com “a lavoura da pena”, a ligar-se ao campo e às suas tarefas diárias, que descreve com precisão aos seus amigos. Não o faz, porém, sem ter em conta a sua rendibilidade, meticoloso que é nas contas que vai fazendo, e no esforço consciente de modernizar, como será o caso do azeite virgem de melhor qualidade, do azeite Herculano, que venderá em geral à Casa Jerónimo Martins (o Martins “pedaço de asno”, como irritado lhe chama uma única vez (*Corr.*, I, p. 30), que muitos anos depois mudará de dono, já no século XX, situada então, como refere, no nº13 do Chiado. A racionalidade contabilística que vamos encontrar nas suas cartas de Vale de Lobos (vols.I-III da *Correspondência*, de onde provém grande parte das nossas informações, editadas por V.Nemésio nos anos 80 na *Bertrand*, a velha editora da obra de Herculano, e que lhe deu a ganhar os dinheiros com que adquiriu Vale de Lobos), é a mesma que lhe vai ditar a devolução à Casa Palmela da herdade do Calhariz arrendada em 1854, na Arrábida, por 800\$000, a herdade onde será atacado pela malária, como o eram muitos lavradores do século XIX: dou o exemplo do meu Tio Miguel Fernandes de Beja, que evoca a malária como razão para recusar a Brito Camacho a pasta da Agricultura no tempo de Sidónio Pais (cerca de 1916).

Mesmo com o eborense grande proprietário, Joaquim Filipe de Soure, e com o próprio Duque de Palmela, Luís Teixeira de Brederode, como sócios, a produção da propriedade não lhe pagava os custos da lavoura. Vemos por este facto que a erudição não obnubilava os seus critérios de gestor, tal como nunca tinha alterado as suas disposições políticas, institucionais e de cidadão, a respeito do Estado que ele detestava, sem ser do grupo já incipiente do anarquista Bakunine, pois considerava o povo, sem que agressivamente o proclamasse, herdeiro do poder absoluto, embora disfarçado por uma democracia, que o tornava num rebanho de déspotas, mesmo sem que o Clero, na sua visão pouco esclarecida, lhe injectasse a credence e o medo do inferno. As citações que faz de Aristóteles levam-nos a pensar que o sistema quase aristocrático, mas não absolutista, que o Grego propunha na *Política*, não lhe tinha sido indiferente. É um caso para estudar.

Respeitado no país inteiro por onde passava, a gente olhava-o, onde quer que o visse, e entre si sussurrava, “Vai ali o Herculano”, com a reverência com que se olha um monumento, de forma bem contrária à que se usa quando, naqueles e nos nossos dias, se comenta a presença de um malandro, ladrão do tesouro da República e corrupto consumado. Para qualquer ente mais convencido de si próprio, tal ambiente tê-lo-ia confortado, mas para a virtude cívica e quase ascética do historiador, esses pequenos factos do dia a dia não bastavam, deviam até deprimi-lo, porque esses que o apontavam com consideração, eram os mesmos que depois estavam contra as medidas institucionais que poderiam civilizar a república dos cidadãos portugueses. Conhecemos esta dicotomia e presenciemo-la todos os dias, ontem e hoje.

Bastaria ler o volume III da autoria de Nemésio, que, numa introdução pormenorizada, nos dá a conhecer Herculano Lavrador, para ficarmos com conhecimento mais do que suficiente sobre essa sua actividade, que não corresponde ao que os Ingleses chamam de *hobby*, mas sim a uma dedicação bem informada e séria de um realíssimo amor à terra. Com o dinheiro realizado com as suas publicações e a simpatia que a família Bertrand por ele nutria, conseguiu em 1859 adquirir uma quinta sua, de 40 Ha., a que vai juntar por arrendamento mais outras duas, onde, com aguda visão da biodiversidade, trata das oliveiras dispersas e idosas já existentes, cujas azeitonas lhe permitirão produzir azeite, que tentará fazer o mais fino possível, como o chamado azeite virgem, que já em Itália tinha sido lançado. Era em Portugal uma novidade. Ao mesmo tempo, com curiosidade inesgotável, vai experimentar a cultura dos cereais, da beterraba para alimento do gado, o que era novidade, do nabo, de toda a espécie de legumes, e naturalmente das forragens (Ver *Carta Inéditas de Herculano*, ed. Luís Silveira, Lisboa, 1946, pp.21). Justifica tais culturas o seu interesse por algum gado ovino, no Calhariz e em Vale-de-Lobos, a que se juntam varas de porcos, que vai engordando com ração e com bolota na *montanheira* em Novembro, e vendendo, seguindo cautelosamente as flutuações do mercado, juntamente com algumas vacas turinas, que lhe dão o leite para o consumo de casa e para a manteiga, queijo e requeijão, de que muito se orgulha, na medida em que até oferece esses produtos aos seus conhecidos e a D. Fernando, o monarca, e seu amigo. Era com o requeijão que fazia habitualmente as queijadas que servia na ementa de Vale-de-Lobos. Pessoalmente ainda me lembro de ouvir chamar no Alentejo à manteiga com que fui criado, *manteiga de vaca*, porque, há 70 anos, “manteiga” era para o Alentejano a banha de porco, colhida quando da matança invernal. Assim era no *bairro*, termo conhecido e usado por Herculano e ainda hoje, da zona de Santarém,

onde no século XIX e princípios do século XX, havia área considerável de olival, agora recuperada e bem, e que contrastava com o *campo*, ou seja à lezíria ribatejana, onde os cereais e frutos como o melão eram cultivados com excelentes resultados. Bastava com sempre não faltar a água e a humidade controlada.

As suas experiências são seguidas com atenção pela sociedade portuguesa, não só por serem resultado de estudo atento, mas evidentemente por serem tentadas por um homem sério, apreciado e famoso pelo seu passado, pela sua luta pela liberdade, e por uma obra de pensamento e de investigação que ainda hoje nos ensina muito do que se pensou criar então, e nos levam a verificar que, no decorrer de dois séculos, grande parte de tudo isso nem sequer se veio a perder porque nunca foi posto em prática. Não era Herculano um furioso tecnológico, meio ignorante e quase estúpido para quem a tecnologia seria um refúgio para as suas carências de saber, era sim alguém que se servia da tecnologia para obter bons resultados, como tinha servido a política e a História com o bom senso cuidadoso, que só é atingível por quem estudou, experimentou e tenta melhorar os resultados que se obtêm.

Tinha o eremita tomado, também com bom senso, as suas precauções, consciente que estava de que não poderia aguentar sozinho isolamento tão grande, numa quinta de Azóia-de-Baixo, a alguns quilómetros de Santarém, na direcção de Torres Novas. Deu então por terminada a solidão eremítica e uma estranha e longa paixão de 30 anos por uma senhora, com quem casa, aos sessenta anos, dizendo claramente ao seu amigo Joaquim Filipe de Soure, que o fazia, porque queria ter quem dele cuidasse, e que o fazia só nessa altura, porque nunca quis ter filhos, visto que tê-los era incompatível com a sua produção literária e histórica (Ver *Cartas Inéditas*, p. 109): “Resolvi casar. Tive aos 26 anos uma destas paixões que todos temos, naquela idade, mas havia em mim outra mais poderosa, a das ambições literárias. Os meus amores foram com a irmã do Meira, D. Mariana Hermínia . A paixão literária venceu a outra. Tive a coragem de lhe sacrificar esta.” Por isso, nos três volumes de cartas escritas de Vale de Lobos, ao Duque de Palmela e sobretudo a João Cândido dos Santos, espécie de procurador representante e grande amigo, não há quase nenhuma em que a D.Mariana não seja invocada, até com uma certa ternura, que contrasta com a aparente dureza do escritor, que tinha contudo durante a vida demonstrado grande e romântico amor filial tanto pelo Pai como pela Mãe. As fórmulas de tratamento das Cartas de Vale de Lobos, que se completam com a colecção das Cartas Inéditas a Filipe de Soure, mantêm-se inalteradas, com a cerimónia da época, e ao mesmo tempo, do princípio ao fim com as informações sobre o estado de saúde de D. Mariana, ou as preocupações pela saúde da esposa de Cândido dos Santos. Sem nos parecer excessivo, pelo menos a mim, e dada a época de que se trata e a situação da medicina portuguesa, o próprio Herculano se queixa dos frínculos que tem nas pernas, das sezões que o afligem, das constipações e respectivas tosses que apanha, ao mesmo tempo que se preocupa com os bróculos que manda semear, o com a *bunganvila*

que o Duque de Palmela lhe mandou da excelente herdade da Lagoalva, ainda hoje nas mãos da família Campilho, um dos ramos dos Palmelas. Com a casa Palmela fala ele de árvores, como o abeto, o pinheiro de Alepo do Líbano, e os eucaliptos, que planta sem que nenhum “tenha cara de ir morrer”, com uma ternura paternal quase infantil. Amava de facto as plantas, estava sinceramente agradecido a quem lhas mandava, dando contudo certa primazia ao que era mais raro e difícil de medrar neste nosso clima tão incerto. Assim não acontecia naturalmente com os “chícharos”, da família do grão de bico, um grão branco que hoje não está na moda, mas que era comido em casa da minha família alentejana, juntamente com um bom chouriço. Por enquanto nada se fez para melhorar geneticamente essa planta que produz bem no nosso clima e que poderia entrar na gastronomia da mesa lusitana.

Assim como o Martins (Jerónimo) era o comprador do seu azeite, o Fernandes era o fornecedor da ferragem de que necessitava. Esta junto ao Pelourinho, ou seja junto à Câmara Municipal de Lisboa, e era o J.B.Fernandes ao qual, nos meus tempos de criança, vi o meu Pai encomendar ferragens idênticas, que levávamos para o ferreiro que tínhamos no Alentejo. Agora já tudo mudou e muitas casas há distribuídas pelo país.

A preocupação com a água é evidente, existindo um riacho que vi estar seco quando da minha visita a Vale de Lobos em Outubro, mas que enche ao caírem as chuvas de Outono à Primavera. Aconselha ao Feitor que semeie o *trigo rijo* ou *trigo duro*, como agora muitos dizem, na beira do riacho, só que o denomina de trigo *durázio*, termo esse que caiu em desuso, embora tenha um delicioso sabor arcaico. A seguir a esse e na mesma margem ordena que semeie o trigo Monsanto, que não tive ocasião de investigar se seria proveniente da futura multinacional americana Monsanto ou se estaria na sua origem. Para que a água não faltasse no lagar, junto à casa de habitação, dispunha de uma nascente vigorosa que ainda hoje existe e funciona, ligada à zona habitacional e, digamos, industrial e pecuária por canalização de material tirado do barro e não do metal, para proteger a pureza do líquido. É este um dos factores que comprova a racionalização de um sistema que hoje chamaríamos de antiquado, mas que era o mais moderno na época, e que atesta a tendência científica e experimental do historiador.

Faz-se sentir em Vale de Lobos a tendência para a industrialização da agricultura, que já era evidente nas presença portuguesa em Exposições Internacionais, como será a de 1900 em Paris, o que não impede que já antes estivessem presentes produtores portugueses, nos anos 70-75 do século XIX, pois tenho ainda em minha posse medalhas de ouro e de prata atribuídas pela qualidade do azeite, nas exposições de Filadélfia e do Rio de Janeiro, aos lavradores do ramo de Beja da Família de Miguel Fernandes meus parentes muito próximos. Julgo que pessoalmente deve ter havido um saudável movimento agrícola a favor da qualidade, da ciência e da exportação. Não durou ele muito tempo com pertinaz frequência. No entanto vemos com prazer que dos 95 Ha de olival intensivo de variedades nacionais, que hoje se encontram em Vale de Lobos, o actual proprietário, Eng^o Joaquim Santos Lima, com o azeite que fabrica, não só ganhou vários prémios internacionais como modernizou toda a estrutura do lagar. Herdou a Quinta em linha directa de Herculano, que a um antepassado seu tinha deixado Vale de Lobos, para que cuidasse de D. Mariana, e que esta, por sua vez, a título de agradecimento, a tinha deixado em herança a, quem dela tinha cuidado.

O amor pela terra sofria por vezes algumas oscilações, pois vemos Herculano a confidenciar ao referido Duque de Palmela seu amigo (I, p.6) o seu prazer pela *"deliciosa Lisboa"*, povoada (pp. 5 e 13) de *"empenhos e intrigas"* que entretinham a sua *"parvalheira"*, queixando-se de que *"tal país, tais governos"* (I, p.18), ao mesmo tempo que explica não acreditar nos *"enxoframentos preventivos"*, (I.,p.21) visto o ódio ser *"velho, portanto manhoso"*, e que só o aplica depois da doença se declarar. E no meio da doença da vinha, em que tinha variedades como a Trincadeira preta, o Fernão Pires, o Bastardo e naturalmente o Moscatel, aparece quase sempre a falar de qualquer enfermidade de D.Mariana, ou num assomo de mau humor a vituperar contra os *"periodiqueiros"*, no meio do ódio a Lisboa (I, p.46), nem sempre sentido, conforme o humor diário, mas que se vai acentuando a favor do prazer que sentia em estar no campo. A sua visão é clara e inatingível, como nos explica sinteticamente e ironicamente, com o espírito de humor que frequentemente demonstra (II, p.166): *"Lisboa, excelente terra, à qual acho unicamente um defeito: é o de não estar senão a 16 léguas de Vale de Lobos"*. Não nos deixa dúvidas que se a Ajuda e mesmo a Academia das Ciências estivessem a essa distância, o que lhe desagradava na capital seria certamente compensado pela pureza do ar campestre. Mas enquanto pensava nisso assaltava-o, por amor a D.Mariana, a preocupação com o oratório que ela desejava ter para as suas actividades religiosas, ou melhor católicas, mesmo que o seu liberal Marido tivesse defendido o casamento civil, perante uma igreja ultramontana e ao mesmo tempo o Padroado português no Oriente. Defendia, sem recear ninguém, o que lhe parecia justo, e até a existência doméstica de um oratório, livre que se sentia do jacobinismo maçónico que já se fazia sentir.

É evidente que, no meio desta actividade sem descanso, os meios de transporte têm a maior importância: o comboio ou o barco que vêm de Lisboa, o *char-à-bancs* puxado a cavalos para percursos mais pequenos, e finalmente a carreta privada e pesada, de rodas altas puxada, sob o peso de cangas, pelos bovinos que tinha, e cujas reparações era objecto das suas preocupações, pois estudava o abegão que a devia reparar, a casa onde podia comprar as ferragens necessárias, e o azinho, qual o melhor, por exemplo o de Gavião, no distrito de Portalegre, para reparar e restaurar as partes que se iam partindo com a rude irregularidade dos caminhos e os elevados pesos das cargas, ou a falta de jeito do boieiro. É impressionante a meticulosidade com que observava, analisava e calculava os custos das avarias que lhe iam surgindo na actividade agrícola e, digamos, protoindustrial e comercial desse ramo da produção que não constituía o acervo mais importante da sua actividade, mas que emocionalmente e intelectualmente era fundamental para a sua visão do mundo.

Na sua correspondência, pois, e não só na registada no vol.III da edição de Nemésio, é patente a sua preocupação quase obsessiva pela prensa do lagar, pela manufacturação das ceiras, apesar de se referir amiúde e com outras metáforas, apesar de só sexagenário, “ao nosso caruncho de trastes velhos”. Não era daí que podia colher qualquer bom humor, e quanto mais afastado se encontrava da sociedade citadina mais se acentuava alguma agressividade, quando dizia (II, p.162) “na Câmara posso encontrá-lo (um elemento da nobreza com quem queria falar), mas se aparecesse em S.Bento, aonde não vou há mais de 15 anos, começavam logo as conjecturas e bisbilhotices, e disso estou eu farto.” Corresponde esta atitude à sua independência perante o poder, devido à independência do verdadeiro LIBERAL que era, em relação ao poderio estatal, que explica com clareza (II, p.76, 3m Abril de 1976): “É agora minha regra não pedir nada directamente e nenhum ministro, para conservar a liberdade de dizer a qualquer Governo, o que entendo, sem medo de que me lancem em rosto qualquer favor.” É uma frase única, que define este Homem tão orgulhoso da sua liberdade de pensar.

Estes cuidados que toma com a sua atitude pública são constantemente interrompidos pela observação dos vasilhame de que precisa para enviar o azeite ou o vinho que faz para os seus compradores, sobretudo a *Jerónimo Martins*, aparecendo ocasionalmente uma casa do Porto, ou o *Hotel Universal*, no Chiado em Lisboa (II, p.240). Pretende contudo manter a qualidade que tinha imprimido aos seus produtos e, nesse sector, o material de que eram feitas as *ceiras*, de *cairo* ou de outro material, como o *esparto*, para espremerem as azeitonas depois de terem sido trituradas na mó de granito que ainda hoje perdura, no antigo lagar. As vasilhas em que enviava o azeite são seu cuidado permanente, bem como as alfaias de que se servia para laborar a terra, desde charruas a outras mais leves, com que alisava a terra antes de lhe lançar a semente das inúmeras variedades vegetais que sempre quis semear. Ao mesmo tempo faz referências a materiais de construção, como sejam os cimentos *Portland*, e assim também o *pozolana*, originário de *Pozzuoli*, na Itália, que se misturam com telhas, telhões e cal.

É este o seu mundo, até aos últimos anos de vida. Plantas, Ajuda, dissensões académicas com o secretário da Academia, cimentos, metalurgia, azeite e vinho, sem dúvida, mundo em que até não falta o restauro do oratório de sua Mulher, mas quando da morte do último dos Bertrands, sentado então, mesmo que temporariamente na Ajuda, deixa uma espécie de testamento (III, p.117): “Os meus livros, de que ainda sou dono, porque nunca vendi a propriedade de nenhum deles, são uma quinta que leva vantagem à de Vale de Lobos em render sem se gastar nada com ela....Por isso tenho de deixar bem assentes as regras por onde nos havemos de agarrar nas futuras transacções entre mim e casa. Isto não era preciso com os velhos; mas não sei como sairão os rapazes. O mundo anda tão torto que é necessário acautelar.”

É este o seu legado e a comunicação do que pensa sobre o presente e o futuro. Tinha sabido o que era a insegurança, procurara repouso e trabalho nos livros e publicações que foram muitas, descanso espiritual na agricultura praticada não lhe faltara juntamente com o amor conjugal, mas a relação com o próximo não era tão certa e por isso a cautela era necessária. Sabia o que era investigar, fazer agricultura, mas tinha a noção certa do que era o ser humano. Atingira a sabedoria de quem intensamente viveu.

(Comunicação apresentada na
Sessão Comemorativa do Nascimento de Alexandre Herculano
de 21 de Outubro de 2010)